

CURSO DE SUPERVISORES ESCOLARES

SUGESTÕES

A - COLHIDAS no trabalho "In Service Development of Teachers of Arithmetic", de D. Banks Willburn e G. Max Wingo:

I - CONCEITO atual de supervisão: "Um estudo mútuo, investigação e crítica pelos membros de uma escola ou de um sistema escolar, sob a direção competente de uma autoridade supervisora"(W.eW).

II - NATUREZA e PAPEL da supervisão: Um serviço de assistência técnica e direta junto aos professores primários, com o propósito de auxiliá-los na solução de seus problemas:

1. - encorajando-os na identificação de problemas;
2. - alertando-os quanto á importância dos problemas;
3. - estudando criticamente os problemas com os respectivos professores;
4. - propondo meios viáveis para a sua solução; e
5. - apreciando os processos utilizados e os resultados alcançados.

B - DECOMENTOS DE NOSSA EXPERIENCIA NO C. A. E. :

I - O supervisor deve ser ELEMENTO HABILITADO para SUPRIR, junto ao professor primário, as FALHAS DE SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.

II - A SELEÇÃO dos professores para o Curso - deve processar-se séria e rigorosamente de acôrdo com já provadas qualidades pessoais e técnicas:

1. - o supervisor deve ser escolhido entre professores que estejam, de fato, "se realizando" em seu trabalho como professor primário, e não entre professores para os quais o Curso seja uma "fuga" á classe primária;
 2. - o supervisor deve ter, no mínimo 5 anos de trabalho efetivo e eficiente em classes de escola primária.
- III - A ESCOLHA dos professores supervisores - deverá ser determinada pelas necessidades reais do ensino primário,

2.

tanto na Capital do Estado, como nas diversas Regiões Escolares do Estado.

IV - O TRABALHO no Curso :

1. - deve inspirar-se em problemas reais dos professôres primários;
2. - deve realizar-se com o objetivo de solucionar problemas dos professôres primários, indo ás causas dêsses problemas e chegando a conclusões práticas bem fundamentadas;
3. - deve aproveitar as experiências e as sugestões das próprias professôras - alunas do Curso - bem como a de outras professôras, primárias ou não;

4 - deve haver um PERIODO DE AJUSTAMENTO no início do Curso para :

a - adaptação dos professôres-alunos á nova situação — a de alunos (a prática assim nos tem mostrado); b -os professôres poderem conhecer melhor os alunos do curso, auscultando-lhes possibilidades, preferências e dificuldades, por meio de - entrevistas, questionários, palestras informais, discussões com pequenos grupos, anotações de problemas, pessoais e profissionais, etc.; c- o desaparecimento de natural "tensão", ocasionada pu pelo excessivo senso de responsabilidade da professôra-aluna, ou pelo receio de sua classificação no trabalhos escolares (a prática também nos tem feito anotar êste aspecto que consideramos de suma importância para o bom êxito dos trabalhos do Curso).

5 - deverá realizar-se por "equipes" :

a - de alunos e

b - de professôres: lembramos a técnica de trabalho por "equipes" também para os professôres do Curso que , assim concorrerão para a solução dos problemas dentro de uma unidade de orientação, embora estudando-os em seus respectivos aspectos parciais.

C - ATIVIDADES :

I - Transcrevemos aqui as JÁ REALIZADAS NO C. A. E. :

1. - Observação e apreciação crítica de aulas no Curso Primário.
2. - Planejamento de trabalho (aqui seria como supervisora).
3. - Pesquisa de "causas prováveis" das deficiências dos alunos: em trabalho diário, em provas de exame de admissão ao Ginásio; apresentação de sugestões para a remoção das mesmas.
4. - Discussões de grupos, com os respectivos relatos, o-rais ou escritos.
5. - Organização de questionários para professôres do Curso Primário.
6. - Pesquisas bibliográficas.
7. - Traduções de artigos de revistas de Educação ou de trechos e capítulos de livros.
8. - Relatórios.
9. - Confecção de materiais: individualmente ou em grupos.
- 10.- Apresentação e solução de situações ou problemas referentes ao aprendizado da Matemática na Escola Pri-mária.
- 11.- Registo de pequenos episódios ilustrativos de como funciona a Matemática na vida da criança, ou do e-gio de desenvolvimento de seu pensamento matemático.
- 12.- Sessões de Seminário (ainda imperfeitas).

II - Ainda não realizadas no C. A. E , mas que consideramos de grande IMPORTANCIA para a EFICIENCIA do trabalho no Curso :

1. - ENTREVISTAS: a - com ALUNOS de diversos níveis-primá-rio, secundário e universitário- e de suas respecti-vas séries (1a., 2a.,...), para conhecer seus inte-rêsses e dificuldades em Matemática (atuais e passa-das); b - com PROFESSORES também dos diversos níve-is e respectivas séries da Escola, para colher a o

4.

vivo, sua opinião sôbre - objetivos do ensino da Matemática; métodos, processos utilizados; conteúdo; deficiências e dificuldades em seu trabalho; interêsses e dificuldades dos alunos, etc., etc.; c - com a FAMÍLIA - para saber de fato o que a família espera da Escola e esclarecer-lhe o que fôr necessário sôbre o ensino da Matemática; d - com pessoas da comunidade - EMPREGADORES e EMPREGADOS da indústria, comércio e outras profissões - para verificar in loco de suas reais necessidades no campo da Matemática e para obter informações pessoais do que pensam deva ser ensinado dessa disciplina, na Escola (o ítem b já foi iniciado, com prof. primárias, mas deve ser intensificado e ampliado êsse trabalho, para conclusões mais expressivas).

2. - QUESTIONÁRIOS: Após dados já obtidos em entrevistas e com outros julgados necessários, serão organizados e aplicados questionários - á ESCOLA á FAMÍLIA e á COMUNIDADE - com as mesmas finalidades das entrevistas, mas com objetivos selecionados e dosados, respectivamente.
3. - PESQUISAS : A ausência de pesquisa tem sido uma das falhas do C. A. E e que deverá ser realizada por meio de: a - levantamento de ACÊRTOS, ERROS e OMISSÕES dos alunos, em provas de admissão ao Ginásio para uma VISÃO PANORÂMICA da situação; b - levantamento de DIFICULDADES ESPECÍFICAS - em provas comuns e em provas previamente elaboradas com determinados objetivos, como "valor posicional do algarismo" , a "significação do zero", "nomenclatura", "conceito", "habilidade de cálculo", - etc., etc.

4. - LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA:

A Matemática, como ciência que é, exige um Laboratório com materiais adequados, tanto ao aprendizado dos alunos, como á experimentação e demonstração dos professôres. Os materiais podem ser:

- a - adquiridos em casas comerciais especializadas;
- b - feitos pelos próprios professôres do Curso;

- feitos pelos alunos do Curso;
- d - feitos pelas professoras primárias e
- e - pelas próprias crianças.

NOTA: Já temos um incipiente Laboratório no Instituto de Educação.

5. - TRABALHO EXPERIMENTAL:

- a - Estudo e aplicação de métodos, processos e materiais com fins de experimentação;
- b - Aplicação de materiais com objetivo ou de aprendizagem ou de diagnóstico (já foi iniciado com os materiais de Catherine Stern);
- c - Organização de provas objetivas: com fins de verificação de aprendizagem e com fins de diagnóstico;

6. - ATIVIDADES EM CLASSES DA ESC. PRIMÁRIA:

- 1) Participação direta e efetiva no trabalho de classes primárias:
 - a - observação de aulas e
 - b - planejamento com as professoras de classe para auxiliá-las na solução de seus problemas.
- 2) Demonstração de técnicas de ensino.

7. - BIBLIOGRAFIA

- a - Organização de bibliografia adequada às professoras primárias - nacional e estrangeira (tradução desta)
- b - Estudo crítico de livros de texto para os alunos de Escola Primária.

8. - PROGRAMAS:

- a - Estudo crítico dos Programas Escolares e
- b - apresentação de sugestões: ou para a sua interpretação, ou para a sua modificação, se necessária.

9. - PALESTRAS:

Realização de pequenas palestras com professoras primárias.

10.- MESAS REDONDAS:

Orientação de mesas redondas com professoras, com pais de alunos e com outras pessoas interessadas em assuntos de educação.

11. - VISITAS:

Visitas para um contacto mais íntimo com:

- a- Agências de Educação e
- b- Instituições Sociais.

12. - RESUMINDO as atividades que podem auxiliar na preparação de um Supervisor Escolar, diremos que todas que lhe propiciem:

- a- Contacto direto com a realidade educacional em todos os seus aspectos;
- b- Oportunidades de estudo crítico bem fundamentado dessa realidade e
- c- Campo disponível para Prática, bem orientada, de solução de problemas de ensino, visto de diversos ângulos.

Ainda o PROBLEMA DA ESCOLHA NOS PROFESSORES SUPERVISORES:

A ESCOLHA do Supervisor:

ENTREVISTA COM O DR. ANÍSIO TEIXEIRA

Em rápida entrevista com o eminente prof. Dr. Anísio Teixeira, Diretor do I. N. E. P., aprendemos uma das melhores lições de quantas tenhamos aprendido, quando S.S. assim se expressou :

- " Tomar dez grandes professôras que tenham realizado
- " um ótimo trabalho e que DEIXEM COM PEZAR A SUA CLASSE
- " SE, porque a sua atuação é exigida em campo mais amplo,
- " aproveitando-se-lhes as experiências mais esclarecidas e organizadas em

Não garantimos que as palavras acima sejam textualmente as do Dr. Anísio Teixeira, mas afirmamos, isso sim, que as palavras destacadas são do prof. Anísio Teixeira.

"Professôres que deixem com pezar a sua classe" - expressão que nos levou a um melhor amadurecimento e reflexão sobre o assunto.

Sim, só professôras que não freqüentem cursos e mais cursos - como sói acontecer- para fugirem ás suas responsabilidades como professôras primárias; só professôras que gostem de suas classes e se sintam bem em seu trabalho com crianças, afastando-se dêle com pezar - só essas professôras poderão ser orientadoras ou supervisoras

de outras professoras.

Em uma única expressão, o Dr. Anísio Teixeira caracterizou um dos fatores responsáveis pelo desacerto na escolha dos elementos que devem auxiliar a orientação do trabalho escolar.

Supervisão não é "fuga" ao trabalho escolar, mas RETORNO a ele em outra situação, enriquecida a professora de novas técnicas e visando objetivos mais amplos, animada, porém, do mesmo propósito de bem servir, com o melhor de si, pessoal e profissionalmente - eis o que fará de uma boa professora uma boa supervisora escolar.

TIPOS de Supervisores:

Foi outro assunto que nos despertou maior cuidado, após termos ouvido o prof. Dr. Anísio Teixeira.

Anotamos especialmente o que se refere a

1. Supervisores para as escolas da Capital e
2. Supervisores para as escolas do interior do Estado.

Esses professores teriam, respectivamente, preparação diferente, de acordo com as finalidades que lhe são assinaladas.

Parece-nos que a sua preparação seria diferente em graus de conteúdos em face das necessidades específicas de cada Região Escolar. É um assunto que merece maior estudo e reflexão de nossa parte.

ENTREVISTA COM A PROF. ALFREDINA DE PAIVA E SOUZA:

O problema da VERIFICAÇÃO das deficiências matemáticas das alunas do Curso:

Proporcionou-nos a prof. Alfredina de Paiva e Souza ótima sugestão para a verificação dos conhecimentos matemáticos das professoras que ingressarem no Curso: uma APRECIÇÃO FUNDAMENTADA do programa de Matemática do Ginásio, talvez dissessemos melhor - uma "REALIZAÇÃO FUNDAMENTADA".

Essa "realização fundamentada" - os "comos" e os "porquês" - permitiria localizar rapidamente as lacunas ou deficiências da professora primária, tanto em relação à sua técnica, os seus processos, como em relação à sua conceituação matemática.

SUGESTÃO

O desconhecimento da tabuada pela maioria dos alunos do Curso Secundário está merecendo um carinho especial de quantos militam na E. Primária.

Apresento este problema à Sub-Comissão - Primário, Normal e Normal - afim de que opine sobre o mesmo

No mesmo sentido está exigindo um estudo apurado a pouca confiança e a má execução que os alunos do Curso Secundário dão às operações sobre as frações ordinárias.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA
Robert Peixotto
em 2/7/81
Montalvão

Roberto Peixotto